

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

TAHEREH MAFI



INFLAMÁVEL

LIVRO 3

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Armas

Capacitismo

Doenças mentais

Guerra

Luto e perda

Morte

Tortura

Trauma

*Para os meus leitores.
Pelo vosso amor e apoio. Este é para vocês.*

Durante muitos anos vivi num terror constante de mim mesma. A dúvida casou-se com o meu medo e mudou-se para a minha mente, onde construiu castelos, governou reinos e imperou sobre mim, curvando a minha vontade aos seus sussurros até eu ser pouco mais do que um peão submisso, demasiado aterrorizada para desobedecer e discordar.

Fora algemada, uma prisioneira na minha própria mente.

Mas finalmente, finalmente, aprendi a libertar-me.

Estou triste pelas nossas perdas. Horrorizada. Mas também ansiosa e inquieta. A Sonya e a Sara ainda estão vivas, à mercê do Anderson. Ainda precisam da nossa ajuda. Por isso, não sei como ficar triste, quando tudo o que sinto é uma vontade incessante de fazer algo.

Já não tenho medo do medo e não vou deixar que me domine.

O medo aprenderá a temer-me.





UM

Sou uma ampulheta.

Os meus 17 anos desmoronaram-se e enterraram-me de dentro para fora. As minhas pernas parecem cheias de areia e agrafadas uma à outra, a minha mente transborda grãos de indecisão, escolhas por fazer e impaciência à medida que o tempo se esvai do meu corpo. O ponteiro pequeno de um relógio bate à uma e duas, três quatro, sussurra-me olá, levanta-te, levanta-te, está na hora de

acorda

acorda

— Acorda — sussurra ele.

Uma inspiração brusca e estou acordada, mas não de pé, surpreendida, mas não assustada, de alguma forma a olhar para os olhos verdes muito desesperados que parecem saber demasiado e demasiado bem. Aaron Warner Anderson está curvado sobre mim, a inspecionar-me com olhos preocupados, a mão suspensa no ar como se estivesse prestes a tocar-me.

Recua.

Fica a olhar, sem pestanejar, com o peito a subir e a descer.

— Bom dia — presumo ter dito. Não tenho certezas sobre a minha voz, a hora e este dia, sobre estas palavras que saem dos meus lábios e do corpo que me contém.

Reparo que ele está a usar uma camisa branca, meio metida nas calças pretas, curiosamente não amarrotadas. As mangas da camisa estão dobradas acima dos cotovelos.

O sorriso parece doer-lhe.

Ergo-me para me sentar e o Warner ajuda-me a ficar confortável. Tenho de fechar os olhos para conter a súbita tontura, mas forço-me a ficar quieta até a sensação passar.

Sinto-me cansada e fraca por causa da fome, mas, além de algumas dores, parece que estou bem. Estou viva. Estou a respirar, a pestanejar e a sentir-me humana, e sei exatamente porquê.

Olho-o nos olhos.

— Salvaste-me a vida.

Levei um tiro no peito.

O pai do Warner enfiou-me uma bala no corpo e ainda sinto os ecos disso. Se me concentrar, consigo reviver o momento exato em que aconteceu; a dor: tão intensa, tão excruciante; nunca serei capaz de a esquecer.

Inspiro, assustada.

Por fim, apercebo-me da estranheza familiar deste quarto e sou logo tomada por um pânico que me grita que não acordei onde adormeci. O meu coração acelera e afasto-me dele, batendo com as costas na cabeceira da cama, e agarro-me aos lençóis, enquanto tento não olhar para o candelabro de que me lembro demasiado bem...

— Está tudo bem — diz o Warner. — Está tudo bem...

— O que estou a fazer aqui? — Pânico, pânico; o terror tolda-me a consciência. — Porque é que me trouxeste para aqui de novo...?

— Juliette, por favor, não te vou magoar...

— Então, porque me trouxeste para aqui? — A minha voz está a começar a falhar e luto para a manter firme. — Porquê trazer-me de volta a este *inferno*...?

— Tive de te esconder. — Ele expira e olha para a parede.

— O quê? Porquê?

— Ninguém sabe que estás viva. — Ele vira-se para olhar para mim. — Tinha de voltar para a base. Precisava de fingir que tudo tinha voltado ao normal e estava a ficar sem tempo.

Forço-me a afastar o medo.

Estudo-lhe o rosto e analiso o seu tom paciente e sério. Lembro-me dele ontem à noite — deve ter sido ontem à noite —, lembro-me do seu rosto, dele deitado ao meu lado no escuro. Foi meigo, bondoso e gentil e salvou-me, salvou-me a vida. Provavelmente, carregou-me para a cama. Aconchegou-me a seu lado. Só pode ter sido ele.

Mas, quando olho para o meu corpo, apercebo-me de que estou a usar roupas limpas, sem sangue, sem buracos nem nada e pergunto-me quem me lavou, quem trocou a minha roupa e preocupo-me que também possa ter sido o Warner.

— Tu... — hesito, tocando na bainha da blusa que tenho vestida. — Tu... quer dizer... a minha roupa...

Ele sorri. Fica a olhar para mim, até eu corar e decidir que o odeio um pouco, e abana a cabeça. Olha para as palmas das mãos.

— Não — diz. — As raparigas trataram disso. Eu só te trouxe para a cama.

— As raparigas — sussurro, atordoada.

As raparigas.

A Sonya e a Sara. As gémeas curandeiras também estavam lá e ajudaram o Warner. Ajudaram-no a salvar-me, porque ele é o único que me pode tocar agora, a única pessoa no mundo que teria sido capaz de transferir o seu poder de cura em segurança para o meu corpo.

Sinto os pensamentos a arder.

Onde estão as raparigas, o que lhes terá acontecido e onde está o Anderson e a guerra e, oh, Deus, o que aconteceu ao Adam, ao Kenji e ao Castle, tenho de me levantar, tenho de me levantar, levantar-me da cama e pôr-me a andar

mas

Tento mexer-me e o Warner agarra-me. Sinto-me desequilibrada, instável; ainda sinto que tenho as pernas presas a esta cama e de repente não consigo respirar, vejo manchas e sinto-me fraca. Preciso de me levantar. Preciso de sair.

Não consigo.

— Warner. — Fixo o meu olhar frenético no rosto dele. — O que aconteceu? O que está a acontecer com a batalha...?

— Por favor — diz ele, ao agarrar-me os ombros. — Tens de começar devagar; devias comer qualquer coisa...

— *Diz-me...*

— Não queres comer primeiro? Ou tomar um duche?

— Não — ouço-me dizer. — Preciso de saber agora.

Um momento. Dois e três.

O Warner respira fundo. Um milhão de vezes. A mão direita sobre a esquerda, rodando o anel de jade no dedo mindinho vezes sem conta.

— Acabou — diz.

— O quê?

Digo as palavras, mas os meus lábios não produzem qualquer som. Estou dormente, não sei como. Pestanejo e não vejo nada.

— Acabou — repete ele.

— Não — expiro a palavra, expiro a impossibilidade.

Ele acena com a cabeça. Está a discordar de mim.

— Não.

— Juliette.

— Não — continuo. — Não. Não. Não sejas estúpido — digo-lhe. — Não sejas ridículo. *Não me mintas, maldito sejas* — Mas agora a minha voz é aguda e quebrada e trémula e

— Não — digo, com a respiração ofegante. — Não, não, não...

Desta vez, levanto-me mesmo. Os meus olhos enchem-se rapidamente de lágrimas e eu pestanejo e volto a pestanejar, mas o mundo está uma confusão e quero rir-me porque tudo em que consigo



pensar é como é horrível e bonito ao mesmo tempo, que os nossos olhos desfoquem a verdade quando não conseguimos suportar vê-la.

O chão é duro.

Sei que isto é um facto porque de repente o sinto contra a cara, e o Warner está a tentar tocar-me, mas acho que grito e lhe bato nas mãos para o impedir, porque já sei a resposta. Já devo saber a resposta porque consigo sentir a repulsa a borbulhar e a revoltar as minhas entranhas, mas pergunto na mesma. Estou estendida na horizontal e, de alguma forma, ainda a cair, as feridas na minha cabeça abrem-se e olho para uma mancha na tapete a menos de três metros de distância e nem tenho a certeza de estar viva, mas tenho de o ouvir a dizê-lo.

— Porquê? — pergunto.

É apenas uma palavra, estúpida e simples.

— Porque é que a batalha acabou? — pergunto.

Já não estou a respirar, nem a falar de todo, apenas a expelir letras pelos lábios.

O Warner não olha para mim.

Está a olhar para a parede, para o chão, para os lençóis da cama e para a forma como os próprios nós dos dedos ficam quando cerra os punhos, mas não, ele não olha para mim e as palavras que diz depois são tão, mas tão suaves.

— Porque estão mortos, querida. Estão todos mortos.



DOIS

O meu corpo fica paralisado.

Os meus ossos, o meu sangue, o meu cérebro, tudo congela, numa espécie de paralisia súbita e incontrolável que se espalha por mim tão depressa que parece que não consigo respirar. Inspiro sibilos profundos e tensos e as paredes não param de oscilar à minha frente.

O Warner puxa-me para os seus braços.

Grito:

— Larga-me. — Mas, oh, só na minha imaginação, porque os meus lábios não funcionam e o meu coração acabou de se expirar, a minha mente desceu até ao inferno e acho que tenho os olhos, os meus olhos, a sangrar. O Warner sussurra-me palavras de conforto que não consigo ouvir, com os seus braços a envolverem-me por completo, numa tentativa de me manter inteira através de pura força física, mas não adianta.

Não sinto nada.

O Warner tenta acalmar-me, balança para frente e para trás comigo nos braços e só então percebo que estou a emitir o som mais excruciante e estridente que existe, com a agonia a atravessar-me. Quero falar, protestar, acusá-lo, culpá-lo, chamá-lo de mentiroso, mas não consigo dizer nada, não consigo formar nada além de sons tão lamentáveis que quase me envergonho de mim mesma.

Solto-me dos braços dele, ofegante e inclinada para a frente, agarrada ao estômago.

— O Adam. — Engasgo-me com o nome dele.

— Juliette, por favor...

— O Kenji. — Estou a hiperventilar na carpete.

— Por favor, querida, deixa-me ajudar-te...

— E o James? — ouço-me dizer. — Deixámo-lo no Ponto Ómega, não foi autorizado a vir...

— Foi tudo destruído — diz ele, devagar e baixinho. — Tudo. Torturaram alguns dos vossos membros para conseguirem a localização exata do Ponto Ómega. Depois bombardearam tudo.

— Oh, *meu Deus*. — Tapo a boca com a mão e fico a olhar, sem pestanejar, para o teto.

— Lamento muito — diz ele. — Não fazes ideia do quanto.

— Mentiroso — sussurro, com veneno na voz. Estou zangada e mesquinha e nem me dou ao trabalho de me importar. — Não lamentas nem um pouco.

Olho para o Warner apenas o tempo suficiente para ver a mágoa a entrar e a sair-lhe dos olhos. Ele aclara a garganta.

— Lamento — diz de novo, calmo, mas firme. Pega no casaco pendurado num cabide próximo e veste-o sem dizer uma palavra.

— Onde vais? — pergunto, sentindo-me imediatamente culpada.

— Precisas de tempo para processar tudo, e é óbvio que a minha companhia não te é útil. Vou tratar de uns assuntos até te sentires pronta para falar.

— Por favor, diz-me que estás enganado — a minha voz quebra-se. Fico com a respiração presa. — Diz-me que há uma hipótese de estares errado...

O Warner olha-me durante o que me parece muito tempo.

— Se houvesse a mais pequena hipótese de te poupar a esta dor — diz, por fim —, eu tê-lo-ia feito. Tens de saber que não o teria dito se não fosse a verdade absoluta.



E é isto — a sinceridade dele — que por fim me parte ao meio. A verdade é tão insuportável que preferia que ele me mentisse.



Não me lembro de quando o Warner saiu.

Não me lembro de como saiu ou do que disse. Tudo o que sei é que estou aqui deitada no chão há tempo suficiente. Suficiente para as lágrimas se transformarem em sal, suficiente para a garganta me secar, para os meus lábios ficarem gretados e ter a cabeça a bater tão forte como o coração.

Sento-me devagar, sinto o cérebro a contorcer-se algures no crânio. Consigo subir para a cama, sento-me, ainda dormente, mas menos, e junto os joelhos ao peito.

A vida sem o Adam.

A vida sem o Kenji, sem o James, o Castle, a Sonya e a Sara e o Brendan e o Winston e todo o Ponto Ómega.

Todos os meus amigos, destruídos, num estalar de dedos.

A vida sem o Adam.

Agarro-me com força, rezo para que a dor passe.

Mas não passa.

O Adam morreu.

O meu primeiro amor. O meu primeiro amigo. O meu único amigo quando não tinha mais nenhum, que agora morreu e não sei como me sinto. Estranha, principalmente. Delirante, também. Sinto-me vazia, destroçada, enganada, culpada, zangada e tão, mas tão desesperadamente triste.

Tínhamos vindo a afastar-nos desde que fugimos para o Ponto Ómega, mas a culpa foi minha. Ele queria mais de mim, mas eu queria que ele tivesse uma vida longa. Queria protegê-lo da dor que iria causar-lhe. Tentei esquecê-lo, seguir em frente sem ele, preparar-me para um futuro separados, à distância.



Pensei que, ao manter-me afastada, conseguiria mantê-lo vivo.
Estúpida.

As lágrimas são frescas e caem depressa, descem-me rapidamente pelas bochechas e entram-me na boca aberta e ofegante. Não consigo fazer com que os meus ombros parem de tremer, nem parar de cerrar os punhos, de bater com os joelhos um no outro e sinto câibras no corpo e os velhos hábitos a rastejarem para fora da minha pele. Estou a contar fissuras e cores e sons e arrepios, oscilo para a frente e para trás, para a frente e para trás, para a frente e para trás e tenho de o deixar ir, tenho de o deixar ir, tenho de deixar, tenho de deixar

Fecho os olhos
e *respiro*.

Respirações ásperas e duras.

Para dentro.

Para fora.

Conto-as.

Já aqui estive, digo a mim própria. Já estive mais sozinha do que isto, sem esperança e mais desesperada. Estive aqui antes e sobrevivi. Consigo ultrapassar isto.

Mas nunca fui tão completamente roubada. Do amor e das possibilidades, das amizades e dos futuros: foram-se. Agora tenho de começar de novo; enfrentar o mundo sozinha outra vez. Tenho de fazer uma escolha definitiva: desistir ou continuar.

Por isso, ponho-me de pé.

Sinto a cabeça a girar, os pensamentos a chocarem uns com os outros, mas engulo as lágrimas. Cerro os punhos e tento não gritar, ao mesmo tempo que aconcheço os meus amigos no coração e

a vingança

Penso

nunca me pareceu tão doce.





TRÊS

Aguenta firme

Espera

Olha para cima

Mantém-te forte

Aguarda

Aguenta-te firme

Sê forte

Mantém-te de pé

Um dia irei conseguir

Um dia irei

conseguir ser

livre

O Warner não consegue esconder a surpresa quando volta a entrar na sala.

Olho para ele e fecho o caderno que tenho nas mãos.

— Vou levar isto de volta — digo-lhe.

Ele pisca-me o olho.

— Já te sentes melhor.

Aceno com a cabeça por cima do ombro.

— O meu bloco de notas estava aqui, na mesa de cabeceira.

— Sim — diz ele, lentamente. Com cuidado.

— Vou levá-lo.

— Compreendo. — Ainda está parado junto à porta, ainda congelado no mesmo sítio, ainda a olhar. — Vais — abana a cabeça — desculpa, vais a algum lado?

Só então me apercebo de que já estou a meio caminho da porta.

— Preciso de sair daqui.

O Warner não diz nada. Dá uns passos subtis para dentro da sala, tira o casaco e pendura-o numa cadeira. Tira três armas do coldre que traz nas costas e demora-se a colocá-las na mesa onde estava o meu caderno. Quando finalmente olha para mim, tem um ligeiro sorriso no rosto.

Põe as mãos nos bolsos. O sorriso fica um pouco maior.

— Onde vais, querida?

— Preciso de tratar de umas coisas.

— A sério? — Encosta um ombro à parede e cruza os braços sobre o peito. Não consegue parar de sorrir.

— Sim. — Começo a ficar irritada.

O Warner aguarda. Fica a olhar. Acena uma vez com a cabeça, como se dissesse: *Continua*.

— O teu pai...

— Não está cá.

— Oh.

Tento esconder o meu choque, mas já não sei porque tinha tanta certeza de que o Anderson continuaria aqui. Isso complica as coisas.

— Achaste mesmo que podias sair desta sala — diz-me ele —, bater à porta do meu pai e acabar com ele?

Sim.

— Não.

— Mentirosa, olha que te cresce o nariz — diz Warner, num tom suave.

Olho para ele.



— O meu pai foi-se embora — continua ele. — Voltou para a capital e levou a Sonya e a Sara com ele.

Solto um grito sufocado, horrorizada.

O Warner já não sorri.

— Estão... vivas? — pergunto.

— Não sei. — Um simples encolher de ombros. — Imagino que devem estar, pois de outra forma não têm utilidade para o meu pai.

— Estão *vivas*? — Sinto o coração acelerar tão depressa que posso estar a ter um ataque cardíaco. — Tenho de as salvar... tenho de as encontrar, tenho...

— Tens de quê? — Ele olha para mim, atento. — Como é que vais chegar ao meu pai? Como vais lutar contra ele?

— Não sei! — Agora ando de um lado para o outro da sala. — Mas tenho de as encontrar. Elas devem ser as únicas amigas que me restam neste mundo e...

Paro.

Viro-me de repente, com o coração na garganta.

— E se houver outros? — sussurro, com demasiado medo para ter esperança.

Atravesso o quarto até ao Warner.

— E se houver mais sobreviventes? — pergunto, agora mais alto. — E se estiverem escondidos algures?

— Isso parece-me improvável.

— Mas há essa hipótese, não há? — Estou desesperada. — Se houver nem que seja a mais pequena hipótese...

O Warner suspira. Passa a mão pelo cabelo da nuca.

— Se tivesses visto a devastação como eu vi, não estarias a dizer essas coisas. A esperança vai destroçar-te o coração de novo.

Os meus joelhos começam a ceder.

Agarro-me à estrutura da cama, a respirar depressa e com as mãos a tremer. Já não sei nada. Na verdade, não sei o que aconteceu ao Ponto Ómega. Não sei onde fica a capital, nem como lá chegar.



Nem sequer sei se consigo chegar à Sonya e à Sara a tempo. Mas não consigo livrar-me desta esperança súbita e estúpida de que mais amigos meus possam ter sobrevivido.

Porque são mais fortes do que isto — mais inteligentes.

— Eles andaram tanto tempo a planear a guerra — ouço-me dizer. — Devem ter arranjado algum plano de emergência. Um sítio para se esconderem...

— Juliette...

— Raios, Warner! Tenho de tentar. Tens de me deixar ver.

— Isto não é saudável. — Não me olha nos olhos. — É perigoso para ti pensar na hipótese de alguém ainda estar vivo.

Olho para o seu perfil forte e firme.

Ele observa as próprias mãos.

— Por favor — sussurro.

Ele suspira.

— Tenho de ir para os complexos, talvez amanhã, só para supervisionar melhor o processo de reconstrução da área. — Ele fica tenso enquanto fala. — Perdemos muitos civis — diz. — Demasiados. Os restantes cidadãos estão compreensivelmente traumatizados e subjugados, tal como o meu pai queria. Foram expropriados de qualquer esperança que pudesse restar de rebelião.

Respira fundo.

— E agora tem de ser tudo posto em ordem depressa — diz. — Os corpos estão a ser retirados e incinerados. As habitações danificadas estão a ser substituídas. Os civis estão a ser obrigados a voltar ao trabalho, os órfãos estão a ser transferidos e as crianças que restam têm de frequentar as escolas dos seus setores.

— O Restabelecimento — continua — não permite que as pessoas façam o luto.

Há um silêncio pesado entre nós.

— Enquanto eu estiver a supervisionar os complexos — conclui —, posso arranjar maneira de te levar de volta ao Ponto Ómega.



Posso mostrar-te o que aconteceu. E depois, quando tiveres provas, terás de fazer a tua escolha.

— Que escolha?

— Tens de decidir o que fazer a seguir. Podes ficar comigo — diz ele, hesitante — ou, se preferires, posso fazer com que vivas sem ser detetada, em terrenos não regulamentados. Mas terás uma existência solitária — diz num tom baixo. — Nunca poderás ser descoberta.

— Oh.

Uma pausa.

— Pois — diz ele.

Outra pausa.

— *Ou* — digo-lhe — vou-me embora, encontro o teu pai, mato-o e lido com as consequências sozinha.

O Warner tenta esboçar um sorriso, mas não consegue.

Olha para baixo e ri-se um pouco antes de me olhar diretamente nos olhos. Abana a cabeça.

— Qual é a piada?

— Minha querida menina.

— *Que foi?*

— Há muito tempo que espero por este momento.

— Que queres dizer com isso?

— Estás pronta, finalmente — responde ele. — Estás finalmente pronta para lutar.

Sinto-me atravessada por uma onda de choque.

— Claro que estou.

Num instante, sou bombardeada pelas recordações do campo de batalha, pelo terror de ser assassinada a tiro. Não me esqueci dos meus amigos, nem da minha convicção renovada, da minha determinação em fazer as coisas de forma diferente. De fazer a diferença. Desta vez, lutar a sério, sem hesitações. Aconteça o que acontecer — e descubra o que descobrir — já não há retorno para mim. Não tenho alternativas.

Não me esqueci.

— Sigo em frente, ou morro.

O Warner ri-se alto. Parece à beira das lágrimas.

— *Vou* matar o teu pai — digo-lhe — e vou destruir o Restabelecimento.

Ele continua a sorrir.

— *Vou mesmo.*

— Eu sei — diz ele.

— Então, porque te estás a rir de mim?

— Não estou — responde-me, com suavidade. — Estava só a perguntar-me se gostarias de contar com a minha ajuda.





QUATRO

— **O** quê? — Pestanejo rapidamente, incrédula.

— Sempre te disse — explica o Warner — que seríamos uma excelente equipa. Sempre disse que estava à espera de que estivesses pronta... que reconhecesses a tua raiva, a tua própria força. Tenho estado à espera desde o dia em que te conheci.

— Mas querias usar-me para o Restabelecimento, querias que torturasse pessoas inocentes...

— Não é verdade.

— O quê? Mas como podes dizer isso? Foste *tu próprio* que diseste...

— Menti.

Ele encolhe os ombros.

Fico de boca aberta.

— Há três coisas que deves saber sobre mim, querida. — Ele dá um passo em frente. — A primeira é que odeio o meu pai mais do que alguma vez serás capaz de entender. — Aclara a garganta. — A segunda é que sou uma pessoa assumidamente egoísta, que, em quase todas as situações, toma decisões exclusivamente para seu interesse próprio. E, terceira. — Uma pausa enquanto olha para baixo. Ri-se um pouco. — Nunca tive qualquer intenção de te usar como arma.

As palavras falham-me.

Sento-me.

Dormente.

— Foi um elaborado esquema que concebi inteiramente para benefício do meu pai — prossegue ele. — Tive de o convencer de que seria uma boa ideia investir em alguém como tu, que poderíamos utilizar-te para ganhos militares. E, para ser muito, muito honesto, ainda não tenho a certeza de como o consegui. A ideia é ridícula. Gastar todo aquele tempo, dinheiro e energia para reformar uma rapariga supostamente psicótica só para fins de tortura? — Abana a cabeça. — Eu sabia desde o início que seria um esforço infrutífero; uma completa perda de tempo. Há métodos muito mais eficazes de extrair informação a quem não a quer ceder de forma voluntária.

— Então porque... porque é que me quiseste?

Os seus olhos são chocantes de tão sinceros.

— Queria estudar-te.

— O quê? — Solto um grito de surpresa.

Ele vira-me as costas.

— Sabias — começa ele, tão suavemente que tenho de me esforçar para o ouvir — que a minha mãe vive naquela casa? — Olha para a porta fechada. — Aquela para onde o meu pai te levou? Aquela onde te deu um tiro? Ela estava no quarto dela. Mesmo ao fundo do corredor onde ele te mantinha.

Quando não respondo, ele vira-se para mim.

— Sim — sussurro. — O teu pai mencionou algo sobre ela.

— Oh? — O ar alarmado aparece e desaparece das suas feições. É rápido a disfarçar a emoção. — E o que — pergunta, fazendo um esforço para parecer calmo — te disse ele sobre ela?

— Que está doente — respondo-lhe, odiando-me pelo tremor que provoco no corpo dele. — Que a mantém lá porque ela não se dá bem nos complexos.

O Warner encosta-se à parede, como se precisasse de apoio. Respira fundo.

— Sim — diz por fim. — É verdade. Ela está doente. Adoeceu muito de repente. — Tem os olhos focados num ponto distante, num outro mundo. — Quando eu era pequeno, ela parecia bem — continua, girando e girando o anel de jade no dedo. — Mas um dia, simplesmente... foi-se abaixo. Durante anos lutei com o meu pai para procurar tratamento, para encontrar uma cura, mas ele nunca se importou. Fiquei por minha conta para lhe encontrar ajuda e, independentemente de quem contactasse, nenhum médico foi capaz de a tratar. Ninguém — agora, quase sem respirar — sabia o que se passava com ela. Ela vive num estado de agonia constante e eu fui sempre demasiado egoísta para a deixar morrer.

Ele olha para cima.

— Depois ouvi falar de ti. Tinha ouvido histórias, rumores. E isso deu-me esperança pela primeira vez. Queria ter-te acesso; estudar-te. Conhecer-te e compreender-te em primeira mão. Porque, em toda a minha pesquisa, foste a única pessoa de quem ouvi falar que poderia dar-me respostas sobre o estado da minha mãe. Estava desesperado. Estava disposto a tentar tudo.

— Que queres dizer com isso? — pergunto. — Como é que alguém como eu te pode ajudar com a tua mãe?

Os olhos dele voltam a encontrar os meus, brilhantes de angústia.

— É simples, querida. Tu não podes tocar em ninguém. E ela não pode ser tocada.



CINCO

Perdi a capacidade de falar.

— Finalmente compreendo a sua dor — diz o Warner. — Finalmente compreendo como deve ser para ela. Por tua causa. Porque vi o que te fez... o que te faz... teres de carregar esse tipo de fardo, existir com tanto poder e viver entre aqueles que não compreendem.

Ele inclina a cabeça para trás contra a parede e pressiona os olhos com as palmas das mãos.

— Ela, tal como tu, deve sentir que tem um monstro dentro de si. Mas, ao contrário de ti, a única vítima é ela mesma. Não consegue viver na sua própria pele. Não pode ser tocada por ninguém; nem pelas próprias mãos. Nem para tirar um cabelo da testa, ou para cerrar os punhos. Tem medo de falar, de mexer as pernas, de esticar os braços, até de mudar para uma posição mais confortável, simplesmente porque a sensação da própria pele lhe causa uma dor excruciante.

Ele deixa cair as mãos.

— Parece — diz ele, lutando para manter a voz firme — que há algo no calor do contacto humano que desencadeia um poder destrutivo terrível dentro dela e, por ser tanto quem origina como quem recebe a dor, ela é de alguma forma incapaz de se matar. Em vez disso, vive como uma prisioneira nos próprios ossos, incapaz de escapar a uma tortura autoinfligida.

Sinto os olhos a arder com intensidade. Pestanejo depressa.

Durante tantos anos pensei que a minha vida era difícil; pensei que compreendia o significado de sofrer. Mas isto. Isto é algo que nem sequer consigo compreender. Nunca parei para pensar que outra pessoa poderia ter uma vida pior do que a minha.

Faz-me sentir envergonhada por alguma vez ter sentido pena de mim mesma.

— Durante muito tempo — continua o Warner — pensei que ela estava apenas... doente. Pensei que tinha desenvolvido algum tipo de doença que lhe atacava o sistema imunitário, algo que lhe tornava a pele sensível e dolorosa. Presumi que, com o tratamento adequado, acabaria por sarar. Continuei a ter esperança, até que finalmente me apercebi de que se passaram anos e nada mudou. A agonia constante começou a destruir-lhe a estabilidade mental; acabou por desistir da vida. Deixou-se dominar pela dor. Recusou-se a sair da cama ou a comer regularmente; deixou de se preocupar com a higiene básica. E a solução do meu pai foi drogá-la.

» Mantém-na fechada naquela casa sem ninguém, exceto uma enfermeira, para lhe fazer companhia. Agora é viciada em morfina e perdeu completamente o juízo. Já nem sequer sabe quem sou. Não me reconhece. E nas poucas vezes que tentei tirá-la das drogas — agora fala num tom mais calmo — tentou matar-me.

Ele fica em silêncio por um segundo, como se tivesse esquecido que eu ainda estava na sala.

— A minha infância foi, por vezes, quase suportável — continua — só por causa dela. E, em vez de cuidar dela, o meu pai transformou-a em algo irreconhecível.

Ele olha para cima a rir-se.

— Sempre pensei que podia resolver o problema. Pensei que, se conseguisse encontrar a raiz do problema... que poderia fazer alguma coisa, que poderia... — Ele para. Passa uma mão pela cara. — Nem sei — sussurra. Volta-se para o lado contrário. — Mas nunca



tive qualquer intenção de te usar contra a tua vontade. A ideia nunca me agradou. Só tinha de manter o fingimento. O meu pai, como vês, não aprova o meu interesse pelo bem-estar da minha mãe.

Sorri, mas um tipo de sorriso estranho e retorcido. Depois, olha para a porta e ri-se.

— Ele nunca quis ajudá-la. Ela é um fardo que o incomoda. Pensa que, ao mantê-la viva, está a fazer-lhe uma grande bondade, pela qual eu deveria estar agradecido. Acha que isso deveria ser suficiente para mim, poder ver a minha mãe transformar-se numa criatura feroz, tão consumida pela própria agonia que perdeu completamente a cabeça.

Ele passa uma mão trémula pelo cabelo e apoia-a na nuca.

— Mas não foi — diz, calmamente. — Não foi suficiente. Fiquei obcecado com a ideia de a tentar ajudar. Para a trazer de volta à vida. E queria senti-lo. — Olha-me diretamente nos olhos. — Queria saber como seria suportar uma dor como aquela. Saber o que ela deve sentir todos os dias.

» Nunca tive medo do teu toque — continua. — Na verdade, até me agradava. Tinha tanta certeza de que acabarias por me atacar, que tentarias defender-te de mim; e estava ansioso por esse momento. Mas nunca o fizeste — ele abana a cabeça. — Tudo o que tinha lido nos teus ficheiros me dizia que eras uma criatura desenfreada e cruel. Esperava que fosses um animal, alguém que tentasse matar-me a mim e aos meus homens em todas as oportunidades... alguém que precisasse de ser vigiado de perto. Mas desiludiste-me ao seres demasiado humana, demasiado adorável. Tão insuportavelmente ingénua. Nunca irias ripostar.

O olhar dele está desfocado com a recordação.

— Não reagiste às minhas ameaças. Não respondias às coisas que interessavam. Agiste como uma criança insolente — diz ele. — Não gostavas das tuas roupas. Não comias a tua comida chique. — Ri-se alto a revirar os olhos e eu esqueço-me subitamente da minha simpatia.

Sinto-me tentada a atirar-lhe alguma coisa.

— Ficaste tão ofendida — continua ele — por te ter pedido para usares um vestido. — Olha para mim, com os olhos a brilhar de divertimento. — E ali estava eu, preparado para defender a minha vida contra um monstro incontrolável que podia matar, matar um homem com as *próprias mãos*... — Ele engole outra gargalhada. — E tu a fazeres birras por causa de roupa lavada e refeições quentes. Oh — conclui ele, abanando a cabeça para o teto — como foste ridícula. Completamente ridícula e o maior entretenimento que alguma vez tive. Não te consigo dizer o quanto gostei. Adorei enlouquecer-te. — Noto nele um olhar perverso. — *Adoro* enlouquecer-te.

Estou a agarrar uma das suas almofadas com tanta força que tenho medo de a rasgar. Olho-o fixamente.

Ele ri-se de mim.

— Andei tão distraído — diz a sorrir. — Sempre a querer passar tempo contigo. A fingir que planeava coisas para o teu suposto futuro com o Restabelecimento. Eras inofensiva, bonita e estavas sempre a *gritar* comigo. Meu Deus, gritavas comigo pelas coisas mais ilógicas. — Recorda ele, agora com um sorriso ainda mais aberto. — Mas nunca me tocaste. Nem uma vez, nem mesmo para salvar a tua própria vida.

O sorriso desvanece-se.

— Isso preocupou-me. Assustava-me pensar que preferias sacrificar-te a usares as tuas capacidades para te defenderes. — Um suspiro. — Por isso mudei de tática. Tentei provocar-te tanto para que isso pudesse levar-te a tocar-me.

Estremeço, lembrando-me demasiado bem daquele dia no quarto azul. Quando me provocou e manipulou tanto que estive bem perto de o magoar. Tinha conseguido finalmente encontrar as coisas certas para dizer, que me magoaram o suficiente para o querer magoar de volta.

Quase o fiz.

Ele inclina a cabeça. Solta um suspiro profundo e derrotado.



— Mas isso também não resultou. E depressa comecei a perder de vista o meu objetivo original. Fiquei tão empenhado em ti que me esqueci da razão pela qual te tinha trazido para a base. Sentia-me frustrado por não cederes, por te recusares a atacar, mesmo quando eu sabia que querias fazê-lo. Mas sempre que ficava pronto para desistir, tinhas aqueles momentos — diz ele a abanar a cabeça. — Aqueles momentos incríveis em que finalmente mostravas vislumbres de uma força bruta e desenfreada. Era incrível.

Ele para. Encosta-se à parede.

— Mas depois recuavas sempre. Como se tivesses vergonha. Como se não quisesses reconhecer esses sentimentos em ti. Por isso, mudei de tática outra vez. Tentei outra coisa. Algo que eu sabia, com toda a certeza, que te faria ultrapassar o teu ponto de rutura. E devo dizer que foi mesmo tudo o que eu esperava que fosse. — Sorri. — Parecias realmente viva pela primeira vez.

Sinto as mãos subitamente geladas.

— A sala de tortura — murmuro.

O MEDO TINHA-A REFÉM. MAS ELA LIBERTOU-SE.

Com o **Ponto Ómega** destruído, **Juliette** não sabe se os rebeldes, os seus amigos ou **Adam** sobreviveram.

Para **derrubar o sistema** e o homem que quase a matou, ela conta com a ajuda da única pessoa em quem nunca pensou poder confiar: **Warner**, o comandante do Setor 45 e o rapaz que lhe salvou a vida.

À medida que os dois lutam para combater um inimigo comum, Juliette vai descobrir que tudo o que ela pensava saber — sobre os seus próprios poderes, sobre Warner e até sobre Adam — estava errado.



A apaixonante saga *Shatter Me* continua com um terceiro livro arrebatador, onde um romance obsessivo está no centro de uma narrativa explosiva de fazer parar o coração.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretocietypt](https://www.instagram.com/secretocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897872174



9 789897 872174 >

